



DOCENTE NÃO BINÁRIE: RELATO DE ENSINO PARA DIVERSIDADE

alag@grandesite.com.br

Lopes, Acã Tacira Teçá Pinheiro; Doutor/a; Universidade Federal de Alagoas, aca.lopes@gmail.com¹
Grupo de Pesquisa Laboratório de Chafurdos da Moda

RESUMO

A experiência LGBTQIA+ opera no âmbito da diversidade: as letras que identificam a comunidade apresentam a diferença entre seus pares do mesmo grupo. Sou parte dessa comunidade, desde quando ainda se chamava GLS (*gays*, lésbicas e simpatizantes). Com o acréscimo de mais letras, sempre me via questionando o que se significava aquelas adições ao grupo. Foi na experiência docente que pude ampliá-la. Pouco antes da pandemia da covid-19, ministrando uma aula no curso de bacharelado em Design, Moda e Estilismo da Universidade Federal do Piauí (UFPI), um discente pontuou-me que meu gênero era fluído por não me importar qual ele me identificava. O discente, dentre aquelas letras que me confundia, anunciava que eu era não binária. Em 2022, já vinculada ao curso de Produção de Moda da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), deparei-me com uma discente não binária que utilizava nome social. Tamanha foi a impressão de muitas situações que me convergiam sobre a forma que essa discente se identificava, que me descobri de fato como não binária gênero fluído. Assumi o nome social no âmbito da UFAL e passei por questões de ênfase do gênero, ao perceber-me um indivíduo do sexo masculino na meia idade, declarando-se oficialmente uma nova identidade de gênero em uma autarquia federal. Dessa forma, com essa introdução, objetivo destacar, por meio de uma abordagem qualitativa, através de narrativas autobiográficas, o relato de experiência docente em um curso de Moda dentro do âmbito universitário, ao inserir temáticas da fluidez de gênero no conteúdo de disciplinas que abordam assuntos como diversidade e consumo.

¹ Doutor/a e especialista em Estudos Contemporâneos pela Universidade de Coimbra. Mestre/a em Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás. Bacharel/a em Estilismo e Moda pela Universidade Federal do Ceará. Professor/a efetiva do curso de Produção de Moda da Universidade Federal de Alagoas.

Com isso, opero a possibilidade de ampliar as questões relativas ao surgimento de circunstâncias que permitem compreender a amplitude, os problemas e as vicissitudes das questões de gênero do ensino da moda. Limito-me a questões do ensino nas disciplinas e da própria experiência pessoal, sem necessariamente buscar exemplos mais tácitos do mercado. Assim sendo, pretendo caracterizar uma implicação no interior do âmbito universitário. Para tanto, vou em convergência ao pensamento de Carneiro (2019), ao abordar a perspectiva da moda e gênero, considerando-a um aporte histórico, político e social; Sardelich (2006), para transgredir a prática educativa pela cultura visual; e Ferrari e Castro (2016), a fim de abordar a relação das imagens com os sujeitos da contemporaneidade.

Palavras-chave: experiência docente; moda; não binarie.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, T. “Montação”: moda na comunicação da identidade de gênero. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 11, pp. 343–362, 2019.

FERRARI, A.; DE CASTRO, R. P. Como as imagens nos educam para os gêneros e as sexualidades? - Cultura visual e formação docente. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 17, n. 34, pp. 08 - 27, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723817342016008>. Acesso em: 24 jun. 2023.

SARDELICH, Maria Emilia. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. **Cad. Pesqui.** [online], v. 36, n. 128, pp. 451 – 472, 2006.